

Suplemento Cultural

Mona Lisa e a sede de beleza A tela mais famosa do mundo é alvo constante de roubos e falsificações

RAQUEL NAVEIRA – *Escritora, doutora em Língua e Literatura Francesas*

Como explicar o meu choro convulsivo diante do retrato da Mona Lisa? Um quadro tão pequeno, numa sala especial do Museu do Louvre, em Paris, protegido por um grosso vidro à prova de balas. A tela mais famosa do mundo, que tem inspirado poemas, filmes e é alvo constante de roubos e falsificações. Meu choro seria apenas o desejo satisfeito de estar ali, emocionada, naquele lugar, diante daquela discutida obra de arte? Ou minhas lágrimas brotaram de um coração inflamado, de uma alma encantada pela imagem da Beleza perfeita?

O que é Beleza? Beleza é palavra indefinível. Olavo Bilac afirmou que as definições de Beleza são mais numerosas que as estrelas do céu e do que as areias do mar. Que a Beleza é criada pelo Amor e na mulher mistura-se com a graça e a inteligência. Que a graça envolve atração, sedução, favor, elegância, alegria, delicadeza, sutileza e espírito.

Há graça na Mona Lisa. Ela é um ser vivo, pulsante, sanguíneo e trêmulo. Mergulhada entre rochedos como uma vampira, há sabedoria sobrenatural em seus olhos, revelando a alma presa na coloração da carne. O sorriso enigmático, prestes a se abrir como uma flor,

“

Leonardo Da Vinci, o talentoso gênio da Renascença italiana, conseguiu captar inúmeras gradações de beleza concentradas na dama florentina: a formosura sublime da graça”

pétalas de segredos e silêncios. As mãos relaxadas sobre o colo assemelham-se a pássaros alvos, o vestido cheio de bordados e laços é de tecido suave como brisa. Os cachos de cabelos sobre os ombros confundem-se com o ondular do xale transparente.

Leonardo Da Vinci, o talentoso gênio da Renascença italiana, conseguiu captar inúmeras gradações de beleza concentradas na dama florentina: a formosura sublime da graça.

Sou estudiosa de Estética, essa parte da Filosofia que trata da sensação e da



MONA LISA – A obra genial de Leonardo Da Vinci

sensibilidade. O Belo seria o esplendor da Verdade, conforme Platão. Mas há tanta Beleza na imaginação, na fantasia. Há mentiras lindas, desacordos entre o pensamento e a realidade, que a história das artes registra na consagração da glória. As lendas e as mitologias, por exemplo. O Belo é o que nos agrada, diz outra teoria. O Belo está atrelado aos nossos sentidos. Mas há beleza também no trágico, que nos desagrada. O Belo é o útil, dizem os pragmáticos. Mas há coisas que não servem para nada e são belas: os inutilíssimos de Manoel de Barros, os seus “alicates cremosos”, as suas “nuvens de calças”. Kant, contrariando essa doutrina dis-

se que o “Belo é uma finalidade sem fim”. O Belo é o Bem gritam os moralistas. Mas a missão do artista é criar o Belo e não pregar o Bem. Flaubert, que sofreu até um processo, quando da publicação do seu imortal livro “Madame Bovary”, defendeu-se afirmando que “não há livros morais nem imorais. Há livros bem ou mal escritos”. Tantas teorias para compreender o que é o Belo. Como encontrar a Beleza a menos que ela seja nosso caminho e nosso guia? A beleza é amável e suave ou força poderosa e temível? Quanto mistério se perpetua nos lábios finos de Mona Lisa.

Gostaria de erguer bem alto a bandeira da Beleza. Ao invés do lema revolucionário da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, que têm levado a guerras, eu faria ecoar que há beleza em tudo: na natureza, nas lendas, nas línguas, nos costumes, na diversidade de expressões do ser humano. Há beleza nos sentimentos elevados e nos condenados. Cobriria tudo com amor, ternura, compaixão. Onde existiu erro, superabundaria a Graça.

A explicação para meu choro convulsivo diante do retrato da Mona Lisa é que temos fome e sede de Beleza. Ela olhou para mim do fundo da eternidade. Senti-me num pomar em flor, cercada de uma multidão de anjos. Contemplei por um instante a face sagrada da Vida.

POESIAS

SILÊNCIOS VEE(M)ENTES

Nem bancar ser moderno vestindo toscas ideias de colarinho branco

nem tirar da caverna um prego para massagear o superego...

... assim [em aura ideal] reflete o poeta liberto de presunções na essência de si...

tomando um chope-caramelo sem gravata... sem bravata.

E bebendo gotas de silêncios... silêncios que veem mentes veementes...

RUBENIO MARCELO

A PREPOTÊNCIA

A prepotência é um serralho Com cem mulheres febris...

Onde um Sultão já caduco Nem mais levanta a cerviz! É o ditador quando passa Zombando da população Que chora à míngua de pão... Sem ter direito à migalha, Quando a bolsa do canalha Guarda o fruto da extorsão!

RUBENS DE CASTRO

Dr. Carlos Alberto, o médico que brilhou no desporto campo-grandense

REGINALDO ALVES DE ARAUJO – *Presidente da ASL*

A convidativa e verdejante Amambai, cidade do Estado de Mato Grosso do Sul, viu nascer Carlos Alberto Jurgielewicz, no dia 26 de julho de 1930. Aprendeu a ler e escrever com a amável tia Lydia e, aos oito anos, enviado pela família, veio para Campo Grande estudar no conceituado Colégio D. Bosco, onde concluiu o primário e o ginásio. Daqui seguiu para Campinas, sempre no intuito de aprimorar-se no estudo. cursou o 2º grau no famoso Colégio Diocesano Santa Maria de Campinas. Rumou para Curitiba, prestou vestibular em 1949 e, cinco anos depois, em 1954, recebeu o diploma de conclusão do curso de medicina, pela Universidade Federal do Paraná. Em 1955, determinado, faz com perfeição o cobiçado estágio de cirurgia no Sanatório São Lucas, com o Dr. Eurico Franco Ribeiro.

O Dr. Carlos Alberto tem uma história linda como jogador de futebol. Aos 15 anos já defendia as cores do bom time do Colégio Diocesano de Campinas; aos 16 anos, isto é, em 1946, passou a jogar pelo Leonidas F.C., onde destacou-se como exímio goleador. Bom cabeceador, chutes fortes e certos, excelente driblador, Carlos Alberto foi contratado, aos 17 anos, pela Ponte Preta de Campinas, tendo a satisfação de jogar ao lado do fabuloso ponteiro Sabará, que depois iria para o Vasco e para a Seleção Brasileira. Quando cursou a faculdade em Curitiba assinou contrato com o time do Atlético Paranaense, também chamado de “Furacão”. Encerrou a carreira de jogador de futebol no ano de 1953, no próprio Atlético Paranaense quando, para a sua alegria, escolheu a cidade de Campo Grande para exercer a medicina.

Na Cidade Morena jogou na equipe dos médicos. No dia 21 de dezembro de 1956 casa-se com a bela farmacêutica Cândida Andrade, paranaense, e, como fruto dessa união, nasceram três filhos: Carlos Theodoro (pecuarista), Carla Beatriz (arquiteta) e Carlos Alberto (administrador). Em 1962 associou-se a 14 médicos e juntos fundaram a clínica Campo Grande S/A, que funcio-

na até hoje na rua Cândido Mariano.

O Dr. Carlos Alberto Jurgielewicz tornou-se, em 1971, médico do E.C. Comercial, time do seu coração, sendo nesse ano campeão, pelo Vermelhinho, da Liga Esportiva Municipal Campo-Grandense (LEMC). Permaneceu no E.C. Comercial até o ano de 1981, conquistando vários títulos de campeão do Campeonato Sul-Mato-Grossense de Futebol.

O Dr. Carlos Alberto, como médico do E.C. Comercial, viveu um lance inusitado, no dia 10 de maio de 1973, no segundo jogo decisivo para definir qual time seria o representante de Mato Grosso do Sul no Campeonato Nacional. No primeiro jogo, disputado no dia 10 de março de 73, deu vitória do colorado, 1x0, gol de Copeu, contra o Operário. No segundo jogo, 30 minutos do 2º tempo, o E.C. Comercial ganhava de 2x0. Nos 15 minutos restantes, numa disputa de bola com um atacante do Operário, Amauri, o goleiro colorado simulou uma contusão.

O Dr. Carlos Alberto ao atendê-lo ouviu do goleiro que aquilo era uma “jogada” para o tempo passar.

Então o médico, catimbeiro de 1ª linha, vendo o jogador Maciel, do Operário, se aproximar, deu um grito e jogou-se ao chão, fingindo ter levado um chute do avanço do “Galo”. Apitava a partida o renomado árbitro Arnaldo César Coelho, do quadro da FIFA que, por não ter visto o lance, consultou o auxiliar que acenou não ter visto nada. O médico comercial não foi tirado do gramado de maca e os 15 minutos finais foram reduzidos a 4 e, desta forma, a vaga ficou com o E.C. Comercial.

Numa entrevista na TV Globo, Arnaldo César Coelho contou que esse foi o fato mais pitoresco vivido por ele como árbitro de futebol, ao ser informado, depois, que tudo não passou de uma engendrada simulação.

Por muito tempo o Dr. Carlos Alberto colaborou com o E. C. Comercial, quando chamado, no departamento médico do clube.

Ele se orgulha de ter clinicado, como cirurgião, num espaço de 48 anos, ininterruptos.

Acostumado a trabalhar, não se conforma com a aposentadoria e, ativo, manteve o seu consultório particular na rua Barão do Rio Branco, nº 2588, na cidade de Campo Grande-MS.

Faleceu recentemente na nossa Campo Grande.

A Bússola

RENATO TONIASSO

Durante a primeira fase da minha vida profissional, trabalhei por algo em torno de quinze anos, como engenheiro agrônomo, em Mato Grosso do Sul, e, dentre outras atividades, atuei nas áreas de topografia, em especial, medindo terras, inclusive na região do Pantanal. Essa foi uma época plena de vigor da juventude e de contatos com homens que trabalham no amanho da terra, e que, em geral, são lhanos, solícitos e brincalhões, quer sejam patrões ou empregados. Tenho que o contato com a natureza faz com que o homem do campo se mantenha mais consciente das nossas limitações e da necessidade de se viver em harmonia com os seus semelhantes e com os fatores que sustentam a vida. O homem rural, mesmo sendo, em geral, mais pobre, em termos materiais, do que o homem urbano, é, também em geral, mais rico do que este em termos de solidariedade; talvez porque não fica submetido aos mesmos níveis de pressão a partir de fatores de estresse suportados pelo seu semelhante citadino. Daí, presumo, as características anteriormente referidas.

Pois em uma medição de terras em uma fazenda na região do Pantanal, preocupado com a possibilidade da minha equipe vir a se perder por conta da ausência de referenciais físicos no horizonte (muros, serras, etc.), indaguei de um peão, já de certa idade e que nascera nas imediações, se alguém já havia se perdido no meio da mata e dos corixos ali existentes, e ouvi do mesmo o seguinte relato: na década de

1970 estiveram no imóvel, para pescar e tirar fotografias, três senhores do Rio de Janeiro, sendo que um deles era piloto aposentado da Pan Air do Brasil e trazia consigo uma bússola. Por determinação do dono da fazenda, o peão foi encarregado de levá-los, de trator, até um ponto na margem de um rio onde “dava” muito peixe e havia muitas belezas naturais e animais silvestres passíveis de serem fotografados. A viagem foi feita ao clarear do dia e os hóspedes foram deixados no local, já com uma matula para o almoço; e combinaram com o peão que o mesmo voltaria ao final da tarde para apanhá-los. O peão recomendou-os de que não se afastassem muito do local, pois poderiam se perder, uma vez que o pantanal, naquela região, “é tudo igual”. O piloto disse-lhe para não se preocupar, pois ele tinha a bússola. O peão ouviu e foi embora.

Ao final da tarde o peão voltou ao local e nada dos cariocas; só encontrou rastros na margem do rio e dos corixos próximos; gritou, assoviou, subiu no trator e olhou para longe, mas não viu e nem ouviu ninguém. Depois de muito procurar, não teve alternativa senão retornar à sede da fazenda para receber orientação. Mesmo já estando escuro, uma equipe foi mandada em busca dos visitantes, mas sem sucesso. Diante da situação, os membros da equipe resolveram voltar para a sede do imóvel, para dormir um pouco, visando recomendar as buscas no amanhecer do dia seguinte. Todos sabiam que havia muitos perigos em se andar à noite por aqueles lugares ermos e infestados de animais selvagens, e, bem assim, que os visitantes não estavam imunes a isso; muito ao contrário. Os próprios peões poderiam se perder,

serem picados por cobras etc., mas os riscos em relação aos visitantes eram ainda maiores: em especial, se dormissem, eles poderiam ser atacados por onças ou suçuris. Como não havia outro jeito, no dia seguinte as buscas foram iniciadas logo cedo, mas os visitantes só foram encontrados no meio da tarde, bem longe do local combinado. Estavam pálidos, pois não haviam comido nada e nem dormido; e encontravam-se muito arranhados por espinhos e pontas de paus que os tinham alcançado ao caminhar pelos brejos e pela mata.

Perguntei ao peão como os tinham encontrado – se gritando, avistando-os de longe ou por acaso?

Recebi dele a seguinte resposta – com adaptações meramente lingüísticas: resolvemos andar em silêncio, por dentro da mata, e escutar, de “tempos em tempos”, para ver se ouvíamos alguma “fala de gente”. É que tínhamos notado que, quando gritávamos, a bicharada entrava em algazarra e praticamente inviabilizava a comunicação à distância através da voz humana. Ao meio da tarde escutamos, ao longo, alguém xingando alguém. Aí foi só seguir o rumo dos xingamentos.

Por imaginar que os três, por estarem perdidos, deveriam ser solidários entre si e não teriam motivos para se xingarem, perguntei: mas que tipo de xingamento?

O peão, meio encabulado, pensou um pouco e respondeu; “é que um dos doutores falava para o piloto, seu filho da (pip), pegue essa bússola e (pip)”.

Fiquei um pouco preocupado, pois eu usava um equipamento conhecido como teodolito, que nada mais é do que uma bússola acoplada a uma luneta e apoiada em um tripé.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CONVITE PARA O PRÓXIMO ‘CHÁ ACADÊMICO’ – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores (ACP), tem o prazer de convidá-lo (e família) para a nova dinâmica do Chá Acadêmico, que acontece-

rá no próximo dia 30/04 (quinta-feira), às 19h30min, no Auditório da ACP – Rua 7 de Setembro, subesquina com a Rua Rui Barbosa – centro.

Na oportunidade, será ministrada uma concisa palestra pelo artista plástico Humberto Espíndola, abrangendo

como tema sua reconhecida arte e sucesso.

Para o nosso deleite, o cantor Geraldo Espíndola brindará o auditório com músicas de seu seletor repertório. É uma honra contar com a vossa presença.